

MELHORANDO A PREDICAÇÃO SECUNDÁRIA RESULTATIVA EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

IMPROVING RESULTATIVE SECONDARY PREDICATION IN ROMANCE

Bruna Elisa da Costa Moreira¹

bruna.moreira@unb.br

RESUMO: Este artigo investiga as estratégias de intensificação usadas para licenciar predicados secundários resultativos (AP) no português brasileiro, como reduplicação, diminutivização, uso de superlativos e modificação adverbial. Com base nas observações de Napoli (1992) para o italiano, e em dados que as corroboram no português brasileiro (Marcelino 2000, Lobato 2004, Knöpfle 2014, 2017), explico porque a intensificação torna uma interpretação resultativa desse tipo possível em línguas românicas. Parto da teoria da gradabilidade de Kennedy & McNally (2005) para mostrar que as estratégias supracitadas fazem referência ao valor mais alto da escala subjacente ao adjetivo em questão, eliminando assim a leitura atributiva e induzindo a interpretação resultativa do predicado modificado. Por isso essas estratégias são capazes de melhorar apenas um subgrupo de resultativas—denominadas *fracas* (Washio 1997) ou do tipo *path* (Ramchand 2008). Para implementar essa ideia, adoto a arquitetura da gramática proposta por Ramchand (2008), conhecida como sintaxe de primeira fase. Este artigo contribui para compreendermos as severas restrições impostas a predicados secundários resultativos (AP) nas línguas românicas e as estratégias de que dispomos para contorná-las.

PALAVRAS-CHAVE: Predicação secundária resultativa; Português brasileiro, Línguas românicas; Gradabilidade; Sintaxe de primeira fase.

¹ Doutora em Linguística. Pesquisadora Associada na Universidade de Brasília (UnB). Agradeço imensamente às editoras, por organizarem este volume especial; a dois pareceristas anônimos, pelos comentários; ao Julio Barbosa, por responder prontamente as minhas dúvidas sobre resultativas; e aos meus colegas Andrew Nevins, Elisabete Ferreira, Ezekiel J. Panitz, Helena Guerra Vicente e Marcus Lunguinho, por discutirem este trabalho comigo e pelo apoio acadêmico de forma geral. Todos os erros são meus.

ABSTRACT: This paper investigates the intensification strategies used to license (AP) resultative secondary predicates in Brazilian Portuguese, such as reduplication, diminutivization, superlatives, and adjectival modification. Based on Napoli's (1992) original observations for Italian, and subsequent corroborating evidence from Brazilian Portuguese (Marcelino 2000, Lobato 2004, Knöpfle 2014, 2017), I offer an explanation of why intensification renders a resultative interpretation possible in Romance. I build on Kennedy & McNally's (2005) theory of gradable predicates to show that all of the aforementioned strategies make reference to the top value of the scale underlying the adjective, eliminating the attributive reading and inducing a resultative interpretation. This is why these strategies can only improve a subset of resultatives (so-called weak or path resultatives). To implement this idea, I adopt the architecture of grammar proposed by Ramchand (2008) known as first-phase syntax. This paper contributes to the understanding of the severe restrictions imposed on resultative secondary predication in Romance and the strategies used to circumvent them.

KEYWORDS: Resultative secondary predication; Brazilian Portuguese; Romance; Gradability; First-phase syntax.

INTRODUÇÃO

Napoli (1992: 75), com base em dados do italiano, argumenta que a predicação secundária resultativa é possível nessa língua por meio de uma estratégia de intensificação, exemplificada em (1).²

(1) Ho stirato la camicia piatta piatta.

Eu passei a camisa lisa lisa

'Eu passei a camisa e, como resultado, a camisa ficou lisa'

Importante nesse exemplo é a reduplicação de *piatta* 'lisa' (lit. 'plana').³ Segundo Napoli (1992: 75), se o adjetivo "é modificado o bastante para chamar a atenção ao ponto final da ação e não ao processo, espera-se que um predicado resultativo, em princípio inapropriado, soe melhor".

A predicação secundária resultativa é amplamente estudada no Português Brasileiro (PB) (Foltran 1999; Marcelino 2000, 2007, 2014; Lobato 2004; Rech 2007; Barbosa, 2008, 2018; Bertucci 2014; Knöpfle 2014, 2017, 2018). Essa língua, interessantemente, tem comportamento similar ao do italiano ao permitir estratégias de intensificação que melhoram a interpretação de predicados secundários do tipo AP, como mostrado em (2).⁴

² O exemplo tem o sentido de "Eu passei a camisa bem passada/ bem lisinha/ bem passadinha".

³ Contraste esse exemplo com o seguinte, de Napoli (1992: 75): "*Ho stirato la camicia piatta".

⁴ Nas glosas do artigo, 3PL = 3ª pessoa do plural, AUX = auxiliar; DIM = diminutivo; SUP = superlativo.

- (2) a. Ana cortou o cabelo bem curtinho. (Marcelino 2000: 49)
 b. João pintou a casa amarelíssima. (Lobato 2004: 159)
 c. João varreu o chão bem limpinho. (Knöpfle 2017: 333)

De acordo com Lobato, o superlativo é uma estratégia usada para obter tanto a interpretação semântica quanto a configuração sintática típicas da predicação secundária.⁵ Neste artigo, explico porque isso acontece.

Parto dos argumentos originais de Napoli (1992) de que a modificação chama a atenção ao ponto final da ação, mas muda o foco do predicado verbal (i.e., da ‘ação’) para o adjetivo. Observe que as estratégias mencionadas para melhorar a interpretação resultativa de certos predicados—reduplicação, diminutivização, o uso de superlativos e modificadores como ‘bem’—são formas de intensificação que envolvem modificação de grau. Argumento que tais estratégias fazem referência ao valor mais alto da escala subjacente ao adjetivo em questão (Kennedy & McNally 2005) e que elas são usadas para induzir uma interpretação resultativa do predicado modificado, eliminando a leitura atributiva. Ao tornar explícita a estrutura escalar (i.e., *path*) do adjetivo, e, particularmente ao indicar um ponto próximo ao seu valor máximo, a modificação de grau destaca que uma entidade sofreu uma mudança de estado como resultado de ter participado de um evento (indicado pelo predicado primário).⁶

No modelo que adoto (Ramchand 2008) (ver o Apêndice), essa ideia é implementada em (4)-(5), com base nos exemplos em (3).

- (3) a. João varreu o chão limpo.
 b. João varreu o chão bem limpinho.

- (4) João varreu o chão limpo.

⁵ Observo que Lobato (2004: 163) não aceita dados do tipo (2c), como se vê no exemplo abaixo, que mostra seu julgamento.

(i) *João varreu o chão bem limpíssimo / muito limpo / bem limpinho.

A autora contrasta o exemplo acima com o seguinte, similar a uma construção de objeto cognato.

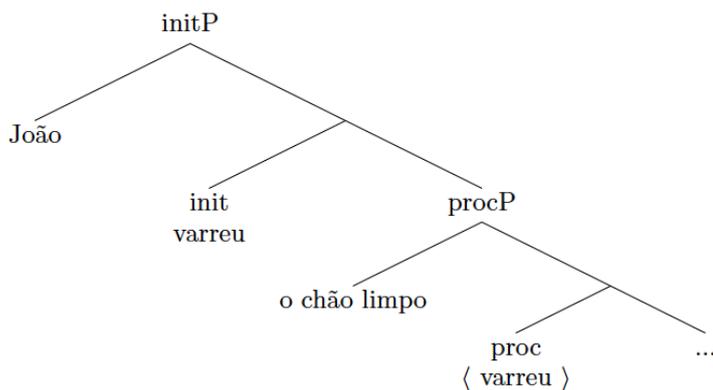
(ii) João varreu o chão bem varridinho.

Discordo dos julgamentos de Lobato (2004) em (i), mas sigo seus julgamentos em (ii), embora não investigue esse tipo de dado neste artigo.

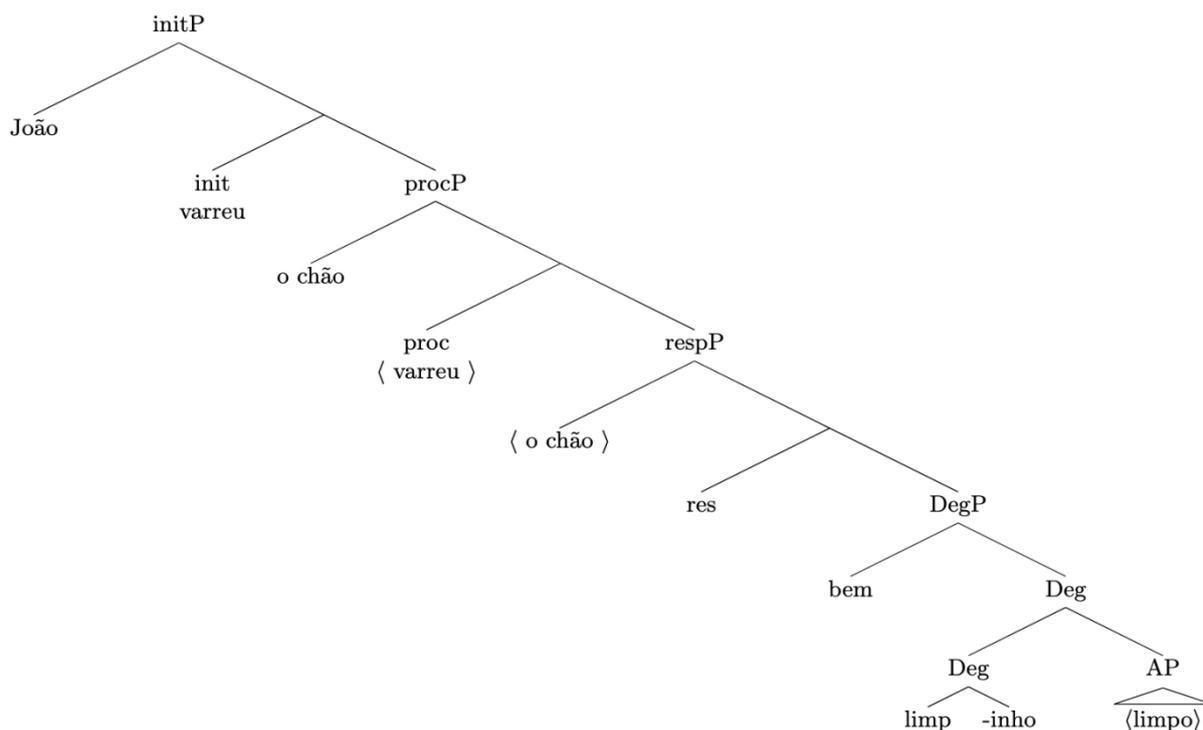
⁶ Note que se trata da mesma intuição das infinitivas resultativas de Bertucci (2014: 623).

(iii) João martelou o metal até achatar

A expressão sublinhada fornece o que Wechsler (2001, p. 10) chama de “limite télico apropriado” para o evento (nesse caso, o verbo de atividade ‘martelar’).



(5) João varreu o chão bem limpinho.



Em (3a), o predicado simples, não modificado, 'limpo', é um adjetivo atributivo, e todo o DP 'o chão limpo' é o participante submetido ao evento de 'varrer' (i.e., uma atividade). Nessa derivação, não há um limite para o evento ou resultado, como representado em (4). Já em (3b), o predicado modificado 'bem limpinho' é complexo o suficiente para criar um caminho para o resultado, cujo efeito é a

telicidade. Essa sentença teria a estrutura proposta em (5), na qual ‘o chão’ é interpretado como a entidade submetida ao evento quanto a que acaba por ser portadora do resultado do evento de ‘varrer’. Em outras palavras, ‘o chão’, nesse exemplo, recebe um papel composto (submetido-resultado), uma possibilidade no sistema de primeira fase (v. Apêndice). Essa entidade chega perto de obter o grau mais alto da propriedade em questão, denotada pelo DegP.

O artigo está organizado da seguinte maneira. Na seção 1, abordo a questão de que as línguas românicas, e em especial o PB, em geral não permitem a predicação secundária resultativa. O principal objetivo da seção é descritivo. Ela estabelece quais subtipos de resultativas (Carrier & Randall 1992, Washio 1997, Ramchand 2008) são (im)possíveis em línguas românicas. Na seção 2, discuto estratégias que tornam a interpretação resultativa possível em línguas românicas (Napoli 1992, Marcelino 2000, Lobato 2004, Knöpfle 2014, 2017). Na seção 3, introduzo uma análise nova para explicar essa estratégia com base na teoria dos predicados graduáveis de Kennedy & McNally (2005). Finalmente, a última seção conclui o artigo e destaca as suas principais contribuições. No apêndice, apresento o sistema básico de decomposição do evento que assumo no trabalho (Ramchand 2008).

1. CONTEXTUALIZANDO A PREDICAÇÃO SECUNDÁRIA RESULTATIVA

A investigação sobre predicação secundária resultativa, construções resultativas, ou simplesmente *resultativas*, tem uma longa tradição na literatura desde que o termo *resultative* foi proposto por Halliday (1967) pela primeira vez. Alguns exemplos clássicos do inglês seguem em (6).

(6) a. They wiped the table clean. (Hoekstra 1988: 117)

3.PL flanelaram a mesa limpa

‘Eles flanelaram a mesa e, como resultado, a mesa ficou limpa’

b. They painted the door green. (Hoekstra 1988: 117)

3.PL pintaram a porta verde

‘Eles pintaram a porta e, como resultado, a porta ficou verde’

c. They drank the teapot dry. (Levin; Rappaport Hovav 1996:

1)

3.PL beberam o bule de chá seco

- ‘Eles beberam o bule de chá e, como resultado, ele ficou seco/vazio’
- d. John hammered the metal flat. (Washio 1997: 5)
 John martelou o metal chato
 ‘João martelou o metal e, como resultado, o metal ficou chato/plano’
- e. The gardener watered the tulips flat. (Kratzer 2005: 180)
 o jardineiro molhou as tulipas chatas
 ‘O jardineiro molhou as tulipas e, como resultado, elas ficaram amassadas’
- f. The cat miaowed Frank awake. (Neeleman; Van de Koot 2002: 6)
 o gato miou Frank acordado
 ‘O gato miou e, como resultado, Frank foi/ficou acordado’

Em todos os exemplo acima, o estado denotado pelo adjetivo é semanticamente interpretado como o resultado de uma ação expressa pelo verbo (i.e., o predicado primário). Essas sentenças são télicas, ou seja, descrevem um evento culminado no qual a entidade submetida ao evento também é portadora de um resultado final. Em (6), o AP (limpo, verde, seco, chato, amassado, acordado) é o predicado secundário resultativo, e a toda a expressão é chamada de construção resultativa. É importante observar que o predicado secundário resultativo pode ser um adjetivo, como em (6), um sintagma preposicional, um nome, ou simplesmente uma preposição (Simpson 1983).⁷ Neste artigo, abordo apenas as resultativas do primeiro tipo.

É sabido que as resultativas formam um grupo heterogêneo e exibem considerável variação translinguística. Carrier & Randall (1992: 173), por exemplo, subdividem as resultativas do inglês em transitivas e intransitivas, dependendo do NP que participa do evento em questão ser ou não um argumento do verbo. Nos

⁷ Simpson (1983: 143) apresenta os seguintes exemplos para cada um deles:

- | | | |
|-------|---|------------------------|
| (iv) | I painted the car <i>yellow</i> . | ADJETIVO |
| | 1.SG pinteí o carro amarelo
‘Eu pinteí o carro (de) amarelo’ | |
| (v) | I painted the car <i>a pale shade of yellow</i> . | NOMINAL |
| | 1.SG pinteí o carro um pálido tom de amarelo
‘Eu pinteí o carro (de) um tom pálido de amarelo’ | |
| (vi) | I cooked the meat <i>to a cinder</i> . | SINTAGMA PREPOSICIONAL |
| | 1.SG cozinhei a carne até um carvão
‘Eu cozinhei a carne até virar um carvão’ | |
| (vii) | The boxer knocked John <i>out</i> . | PREPOSIÇÃO |
| | DET boxeador golpeou João fora
‘O boxeador nocauteou o João’ | |

exemplos acima, (6a-b) e (6d-e) são resultativas transitivas e (6c-f) são resultativas intransitivas.

Com base em critérios diferentes, Washio (1997: 8-10) propõe uma tipologia translinguística que classifica resultativas em fortes e fracas,⁸ exemplificadas em (7).

- (7) a. The joggers ran the pavement thin. RESULTATIVA FORTE
os corredores correram a calçada fina
'Os atletas correram tanto que, como resultado, a calçada ficou fina'
- b. He wiped the table clean. RESULTATIVA FRACA
ele flanelou a mesa limpa
'Ele flanelou a mesa e, como resultado, a mesa ficou limpa'

Para o autor, no exemplo com a resultativa forte,⁹ o significado do verbo e o do adjetivo são independentes entre si, enquanto nas resultativas fracas eles estão relacionados.¹⁰

Segundo Washio (1997), as línguas subdividem-se entre aquelas que permitem resultativas fortes, como o inglês, e aquelas que banem resultativas fortes, como o japonês. Com relação às resultativas fracas, em princípio elas seriam possíveis em ambas as línguas. O autor argumenta que as línguas românicas têm comportamento similar ao do japonês ao banir resultativas fortes, mas, ao contrário dessa língua, impõem restrições adicionais às resultativas fracas. Assim, a ideia é que as línguas românicas proíbem a predicação resultativa secundária de forma geral.¹¹ Portanto, resultativas como as do inglês, exemplificadas em (6), estão indisponíveis nas línguas românicas. De fato, esse é o caso do PB (Foltran 1999, Marcelino 2000, Lobato 2004, Barbosa 2008).

⁸ Washio (1997: 30) também discute as 'resultativas espúrias ou aparentes' (*spurious resultatives*), como "Minha filha costurou a saia muito apertada". Esse tipo de resultativa, bastante comum no BP e nas línguas românicas de forma geral (cf. Foltran 1999), corresponde às pseudorresultativas de Levinson (2010). Deixo esses exemplos de fora da discussão.

⁹ Essa classe, segundo Washio, inclui todas as resultativas com verbos intransitivos e algumas com verbos transitivos. Os subtipos de Carrier & Randall, portanto, não coincidem exatamente com os de Washio, mas eles se sobrepõem de forma significativa. O ponto central é que resultativas fortes e/ou intransitivas são geralmente banidas nas línguas românicas (ver também Marcelino 2000, 2007, e Barbosa 2008, 2018).

¹⁰ Essa noção pode ser entendida como um tipo de acarretamento entre o predicado resultativo e o predicado principal (e.g., 'polir' ou 'lustrar' e 'brilhante')—ver Washio (1997: 9).

¹¹ Aparentes contraexemplos podem ser excluídos como pseudorresultativas ou resultativas espúrias (ver Washio 1997, Levinson 2010, Marcelino 2014, Barbosa 2018 *inter alia*).

Trazendo a discussão para o modelo que adoto neste trabalho (cf. Apêndice para mais detalhes da sua implementação), considere os seguintes exemplos de Ramchand (2008: 128-129) em (8).

- (8) a. *Karena hammered the metal flat.* RESULTATIVAS *PATH*
Karena martelou o metal chato
'Karena martelou o metal e, como resultado, ele ficou chato'
- b. *Karena ran her shoes ragged.* RESULTATIVAS 'DE RESULTADO'
Karena correu seus sapatos gastos
'Karena correu tanto que, como resultado, seus sapatos ficaram gastos'

Note que resultativas do tipo *path*, (8a), correspondem às resultativas fracas e transitivas, e resultativas 'de resultado' (8b), correspondem às resultativas fortes e intransitivas.¹² O primeiro tipo nos interessa aqui, já que as estratégias sob discussão funcionam com esse subgrupo em especial.

Em (8a), 'o metal' é simultaneamente o participante submetido a um evento de martelar e o portador do resultado descrito pelo AP 'chato'. Observe que seria possível suprimir a porção de resultado da sentença, isto é, dispensar o predicado secundário (e.g., "Karena martelou o metal"). Em (8b), no entanto, 'sapatos' não é um verdadeiro participante de um evento de correr, apenas o portador do resultado descrito pelo AP 'gasto'. Nos termos de Ramchand (2008: 126), este é um caso de 'acréscimo de resultado', no qual "o argumento não selecionado é puramente um *resultee*". Nesse caso, o DP 'sapatos' aparece apenas como o objeto de correr nessa estrutura específica (e.g., "*Karena correu seus sapatos").¹³

Na implementação que adoto,¹⁴ resultativas como (8a) são derivadas a partir de um núcleo de processo, *proc*, que se une homomorficamente a um *path* limitado, como em (9).¹⁵ Nesse modelo, a categoria V subdivide-se em três projeções (*iniciação*,

¹² Por uma questão de rigor, observo que um exemplo como (8a), segundo Washio (1997: 26), não é claramente uma resultativa fraca, apesar do argumento não ser crucial aqui. Remeto o leitor a Washio para argumentos a favor e contra a visão de que (8a) é uma resultativa fraca.

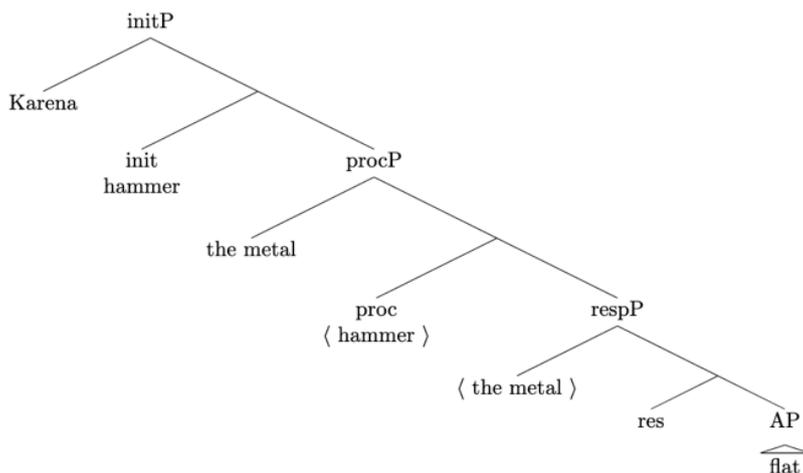
¹³ Ver também Kratzer (2005) sobre as "causativas ocultas".

¹⁴ Ver Apêndice.

¹⁵ A noção de homomorfismo é entendida de modo geral como uma relação de mapeamento entre partes de um objeto e a estrutura do evento (como em verbos de consumo do tipo "comer (uma maçã)"). No modelo de Ramchand, esse mapeamento se dá entre "a estrutura parte-todo do evento e um conjunto de medidas de uma propriedade particular que é monotônica no que diz respeito à estrutura parte-todo do objeto" (Ramchand 2008: 48), em que 'monotônico' significa, *grosso modo*,

processo e resultado—veja o Apêndice para uma descrição detalhada de cada um deles). Segundo Ramchand (2008: 64): “devido ao homomorfismo, o ponto final do evento é identificado como estágio final do *path* espacial ou da propriedade alcançada pelo objeto”. Nesse caso particular, a propriedade de ser ‘chato/plano’.

(9) *Karena hammered the metal flat* (Ramchand 2008: 127)

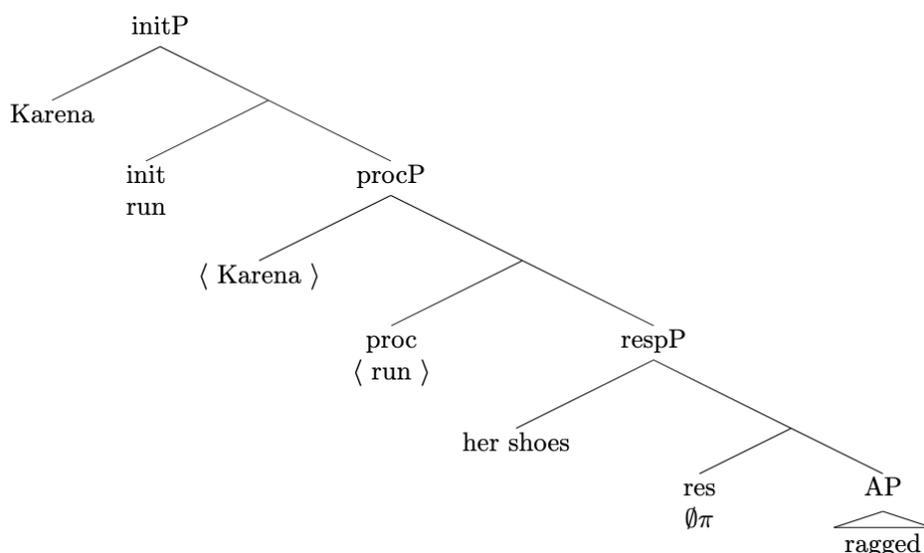


Resultativas ‘de resultado’ como (8b) são derivadas a partir de um núcleo de resultado (*res*) nulo, que toma como complemento uma propriedade, o AP resultativo, como mostrado em (10).¹⁶

(10) *Karena ran her shoes ragged* (Ramchand 2008: 124)

preservador da ordem, i.e., uma propriedade que rastreia a relação parte-todo entre dois domínios, seguindo Schwarzschild.

¹⁶ Segundo Ramchand (2008: 129), as resultativas ‘de resultado’ podem ser ainda subdivididas entre (i) resultativas indiretas (como “John sang himself hoarse”, literalmente traduzido como “João se cantou rouco”, no sentido de “João cantou tanto que ficou rouco”), e (ii) resultativas diretas (como “The lake froze solid”, literalmente “O lago congelou sólido”, no sentido de “O lago congelou até estralar”). Agradeço por este último dado ao Marcus Lunguinho. A expressão coloquial ‘estralar’ (ou ‘estalar’) indica a produção de um ruído/estalido por causa de algum líquido que se congelou demais ou de algum material que está em processo de queima. Ambos os tipos (i) e (ii) supracitados estão indisponíveis no PB (vide Marcelino 2000, 2007, Lobato 2004, Barbosa 2008, 2018).



Antes de seguir para a próxima seção, cabe lembrar que as línguas românicas proíbem esse tipo de predicção secundária. De acordo com Ramchand (2008: 125), línguas como o inglês têm um item lexical nulo (representado por $\emptyset\pi$), como em (10), responsável por licenciar o AP resultativo. Na análise da autora, esse item não estaria disponível em línguas românicas. Observo que o mecanismo preciso responsável por banir resultativas fortes ou ‘de resultado’ não está em jogo.¹⁷ O foco do trabalho é um subgrupo de resultativas admissíveis em línguas românicas (resultativas fracas ou do tipo *path* modificadas). Particularmente, estamos diante de um grupo bastante limitado de predicados que podem aceitar uma interpretação resultativa via intensificação do AP que, do contrário, seria interpretado simplesmente como atributivo. A estrutura relevante para o propósito do trabalho está representada em (9), particularmente a porção que fornece o limite para o evento (resP).

2. ESTRATÉGIAS PARA MELHORAR A INTEPRETAÇÃO RESULTATIVA EM LÍNGUAS ROMÂNICAS

Napoli (1992) foi a primeira autora a discutir estratégias que melhoram a interpretação de predicados secundários resultativos em línguas românicas, com base em dados do italiano. De acordo com ela, se o adjetivo “é modificado o bastante para

¹⁷ Ver Mateu (2000), Marcelino (2000, 2007), Barbosa (2008, 2018) e Acedo-Matellán (2016) para uma discussão que retoma a tipologia de Talmy (1985, 1991). Ver também Giannakidou & Merchant (1999) para uma visão diferente das resultativas do grego que pode ser compatível com as línguas românicas (Moreira 2021). Tanto o grego quanto o PB têm processos morfológicos produtivos (predominantemente por meio de parassíntese) responsáveis por derivar palavras que já carregam em si a noção de resultado, por exemplo, “esgarçado” ou “arrombado”.

chamar a atenção ao ponto final da ação e não ao processo, espera-se que um predicado resultativo, em princípio inapropriado, soe melhor” (Napoli 1992: 75). O exemplo da autora segue repetido em (11).

- (11) Ho stirato la camicia piatta piatta.
Eu passei a camisa lisa lisa
'Eu passei a camisa lisa lisa'

Folli & Ramchand (2005: 102) apresentam um exemplo adicional e observam que a interpretação resultativa é possível se o adjetivo for “complexo”, como em (12).

- (12) Gianni ha martellato il metallo *piatto/ piatto piatto.
John AUX martelou DET metal *chato/ chato chato
'João martelou o metal *chato/ chato chato'

Como mencionado brevemente na introdução, efeito similar também é documentado no PB (Marcelino 2000, Lobato 2004, Knöpfle 2014, 2017), como mostrado anteriormente em (2). Apesar de uma interpretação resultativa poder ser melhoradas nessa língua, não é o caso que as estratégias de intensificação consigam “salvar” qualquer tipo de predicado. Considere os exemplos seguintes, adaptados de Marcelino (2000: 60).¹⁸

- (13) a. *Ele bebeu sua xícara (bem) vazia.
b. *Ela cantou sua filha sonolent(inha).
c. *Ela andou seus sapatos (bem) gastos.
d. *O cachorro latiu os vizinhos acordad(inhos).

O que esses dados mostram é que as chamadas resultativas fortes (ou intransitivas/ ‘de resultado’) não são receptivas a estratégias como diminutivização ou modificação

¹⁸ Quanto à adaptação dos exemplos de Marcelino, adicionei parênteses em (13) para indicar opcionalidade e destacar que ambas as versões são (a modificada e não modificada) são agramaticais.

de grau com ‘bem’ no PB. Resultativas fracas ou do tipo ‘path’, por sua vez, podem sim ser melhoradas. Considere os exemplos em (14).¹⁹

- (14) a. O porteiro varreu o chão limpo.
- b. O jardineiro regou a terra molhada.
- c. Pedro pintou a casa verde.
- d. A criança flanelou/espanou a mesa limpa.
- e. Leo martelou o metal plano.

Os APs em (14) não são interpretados como predicados secundários resultativos, mas simplesmente como adjetivos atributivos.²⁰ Esse grupo restrito de sentenças, contudo, pode ser interpretado em paridade com resultativas típicas se o AP for modificado, como em (15).

- (15) a. O porteiro varreu o chão bem limpinho.
- b. O jardineiro regou a terra molhadinha/molhada demais.
- c. Pedro pintou a casa bem verdinha.
- d. A criança flanelou/espanou a mesa bem limpinha.
- e. Leo martelou o metal chatinho chatinho/ bem chatinho.²¹

O uso de reduplicação, diminutivização, superlativos e modificadores como ‘bem’ e ‘demais’ são exemplos de estratégias de intensificação que envolvem modificação de grau. Argumento que essas estratégias são usadas para distinguir a interpretação atributiva da resultativa.²²

¹⁹ Com base em (14a) e (14d), uma questão que surge é porque alguém varreria ou limparia uma superfície (já) limpa. Não vou aprofundar essa questão, já que é possível criar um contexto mais rico para acomodar esse tipo de exemplo.

²⁰ Não se trata de uma consideração teórica, mas simplesmente um julgamento de falante nativo. Enquanto é possível interpretar o AP como depictivo, particularmente com predicados do tipo *stage-level*, como ‘limpo’ ou ‘molhado/úmido’, a leitura mais pronunciada é aquela em que o adjetivo é usado na forma atributiva, como fica claro no caso de ‘chato’—isso reflete os meus julgamentos e os julgamentos de outros falantes nativos que consultei. O fato de que uma leitura ambígua está disponível não enfraquece a análise. Agradeço ao Ezekiel Panitz e ao Marcus Lunguinho por discutirem essa questão comigo.

²¹ Alguns falantes reportam a preferência por diferentes tipos de AP, como ‘plano’, ‘fino’ ou ‘amassado’.

²² Uma questão se coloca para os exemplos do italiano—(1), (11) e (12). Se a análise proposta estiver correta, ela prevê que a distinção entre atributivo-resultativo deveria ser observada também no italiano. Mas, como esses exemplos mostram, os APs nessa língua não parecem funcionar na forma atributiva. Consultei dois falantes nativos que questionaram a escolha do adjetivo. Segundo eles, seria mais natural dizer o seguinte.

3. ADJETIVOS GRADUÁVEIS E RESULTATIVIDADE

Nesta seção, explico porque as estratégias supracitadas favorecem uma interpretação resultativa. Parto das observações de Napoli (1992) de que a modificação chama a atenção para o ponto final da ação, mas muda o foco da atenção do verbo (i.e., da ação) para o adjetivo—e retorno aos argumentos de Napoli ao final desta seção.

Adjetivos graduáveis, segundo Kennedy & McNally (2005), são sensíveis a dois parâmetros: (i) uma escala, que pode ser aberta ou fechada, e (ii) um padrão de comparação, que pode ser relativo ou absoluto. Com relação a (i), os autores elaboram a seguinte tipologia de estrutura das escalas (Kennedy & McNally 2005: 354).

- (18) a. escala (totalmente) aberta: sem elementos mínimos ou máximos ('alto').
- b. escala fechada inferior: com elemento mínimo ('quieto').
- c. escala fechada superior: com elemento máximo ('perigoso').
- d. escala (totalmente) fechada: com elementos mínimos e máximos ('cheio')

Com relação a (ii), adjetivos relativos são aqueles que variam contextualmente, como 'alto' ou 'caro', já adjetivos absolutos são independentes do contexto, como 'vazio', que “simplesmente requer que seu argumento seja desprovido de conteúdo” (Kennedy & McNally 2005: 348).²⁴ Este último tipo pode impor padrões máximos ou mínimos, como exemplificado em (19).

- (19) a. O bebê está acordado. PADRÃO MÍNIMO
- b. O copo está cheio. PADRÃO MÁXIMO

De acordo com Kennedy & McNally (2005: 356), 'acordado', em (19a), “significa simplesmente que o bebê tem um grau não zero de vigília”, e 'cheio', em (19b), requer que o seu argumento tenha “um grau máximo da propriedade em questão” (i.e., que o copo esteja totalmente cheio).

²⁴ A questão não é tão simples, e o predicado 'vazio' pode ter usos imprecisos—v. Kennedy & McNally (2005: 357) para uma discussão.

Voltando aos exemplos do PB em (15), estamos diante de um número consideravelmente restrito de adjetivos: ‘chato/plano’, ‘limpo’, ‘molhado/úmido’, além de adjetivos de cor. Esses predicados podem ser associados às seguintes escalas.

- (20) a. escala fechada inferior: com elemento mínimo (‘molhado/úmido’).
- b. escala fechada superior: com elemento máximo (‘chato/plano’, ‘limpo’, ‘verde’).

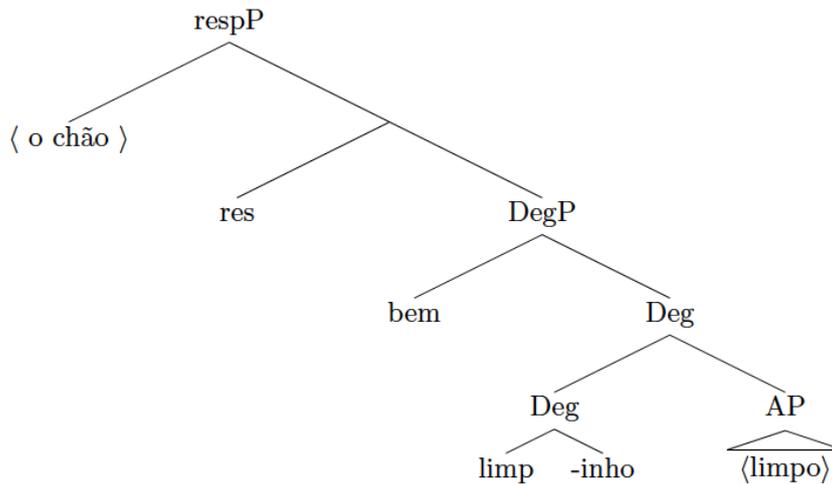
Sigo a proposta de Kennedy & McNally’s (2010) de que adjetivos de cor são graduáveis e possibilitam duas interpretações: quantidade e qualidade de cor. Considero que a interpretação do predicado ‘verde’ (assim como a de outros adjetivos de cor) nas resultativas do PB envolve a leitura de qualidade da cor, que compreende “grau de matiz, saturação de cor e brilho” (Kennedy & McNally 2010: 90). Assumo, portanto, que adjetivos de cor comportam-se como adjetivos de escala fechada superior—veja (20b)—, com base na ideia de que “se a leitura de qualidade envolve uma medição de proximidade a um protótipo, podemos esperar que as escalas usadas nessas leituras tenham valores máximos correspondentes a uma equiparação perfeita ao protótipo”.

A ideia é que as estratégias de modificação aludidas em (15) elevam o grau do adjetivo, apontando para o maior valor da sua escala. Como dito, ao tornar explícita a estrutura escalar desses adjetivos, e particularmente ao indicar um ponto próximo ao seu valor máximo, a modificação de grau destaca que uma entidade sofreu uma mudança de estado como resultado de ter participado de um evento. Para um adjetivo com elemento mínimo como ‘molhado/úmido’, do exemplo (15b), isso significa que o solo tem um alto grau de umidade (i.e., acima do mínimo) por ter participado de um evento. Para um adjetivo com elemento máximo como ‘limpo’ (assim como adjetivos de cor), do exemplo (15d), isso significa que a mesa chegou perto de um grau máximo de limpeza.

É possível agora reavaliar a afirmação de Napoli (1992) de que a modificação chama a atenção para o ponto final da ação. A modificação chama a atenção para o valor máximo do adjetivo, que, por sua vez, fornece um limite para o evento (i.e., a ação) ao ser coagido em um resultado. Concretamente, proponho que o AP modificado, hospedado por DegP, é o que fornece o limite para o evento denotado pelo predicado principal, promovendo um efeito de telicidade. Em um exemplo como

(2c), “João varreu o chão bem limpinho”, o verbo de atividade é transformado em um *accomplishment* ao se unificar com o sintagma de grau. A estrutura da projeção de resultado que se une ao predicado principal é representada na sequência em (21).

(21) Projeção de resultado



Um parecerista anônimo observa que o trabalho de Knöpfle (2014, 2018) sobre resultativas em línguas ocidentais germânicas coloca uma questão potencialmente interessante para essa análise. Knöpfle (2014, p. 64) questiona “se as resultativas transitivas (modificadas) no PB seriam do mesmo ‘tipo’/teriam a mesma estrutura das resultativas” que a autora investiga em sua tese e estabelece a seguinte comparação.

- (22) a. João varreu o chão bem limpinho.
 → João varreu o chão, e o chão ficou bem limpinho.
- b. *João varreu o chão bem sujinho.
 ≠→ João varreu o chão, e o chão ficou bem sujinho.
- (23) a. Hans hat den Fussboden sauber gefegt.
 Hans teve o chão limpo varrido
 ‘Hans varreu o chão e, como resultado, o chão ficou limpo’
- b. Hans hat den Fussboden schmutzig gefegt.
 Hans teve o chão sujo varrido
 ‘Hans varreu o chão e, como resultado, o chão ficou sujo’

Para Knöpfle (2014, p. 65), o paradigma acima mostra que, no PB, o AP não denota um estado final—uma vez que o AP ‘sujo’ não é licenciado, mesmo quando sofre modificação (vide ‘sujinho’ acima), ao contrário do alemão. Com base nesse contraste, a autora conclui que “resultativas transitivas modificadas em PB têm estrutura distinta das resultativas ‘genuínas’”. No entanto, uma questão que surge é como essa proposta se sustenta diante dos exemplos do inglês a seguir, originalmente observados por Green (1972) e discutidos subsequentemente por Wechsler (2001, p. 10).

- (24) He wiped it clean / dry / smooth / *damp / *dirty / *stained / *wet.
Ele flanelou isso limpo/ seco/liso/*úmido/*sujo/*manchado/
*molhado

O exemplo acima mostra que o inglês também rejeita o AP *dirty* ‘sujo’ (entre outros). Essa língua, contudo, notavelmente permite as resultativas genuínas. A respeito do contraste em (24), Wechsler (2001, p. 10) argumenta o seguinte.

Os adjetivos *limpo*, *seco* e *liso* são todos adjetivos de escala fechada com elemento máximo, os quais, conseqüentemente, fornecem limites apropriados para o evento. Em contraste, os adjetivos *úmido*, *sujo*, *manchado* e *molhado* são adjetivos com elementos mínimos—o que chamei de adjetivos de escala aberta *de facto*. Seus padrões inerentes são muito baixos para serem úteis, então os padrões contextuais normalmente prevalecem. Mas os padrões inerentes são necessários para servir como limites télicos apropriados. Uma vez que as construções resultativas devem ser télicas, essas sentenças fracassam.

Assim, as conclusões tiradas por Knöpfle (2014) com base na comparação entre o PB e o alemão, (22)-(23), são dificilmente mantidas diante de (24). Embora agora haja um novo desafio a ser explicado para a presente análise: por que um adjetivo de escala fechada inferior com elemento mínimo, como ‘molhado’, pode ser licenciado por meio de estratégias de intensificação no PB (vide (17b) acima), mas ‘sujo’ não. Uma possível explicação pode ser a relação próxima de acarretamento semântico entre o predicado principal ‘regar’ e o predicado secundário ‘molhado’ (i.e., ‘molhadinho’), no espírito de Washio (1997). Deixo em aberto a resolução desse problema. Mas qualquer que seja a direção da resposta, o ponto relevante aqui é que o contraste entre (22)-(23) não prova que as resultativas transitivas modificados do

PB são tão diferentes de resultativas genuínas. Elas podem até ser diferentes no final das contas, mas não com base nessa comparação.

CONCLUSÃO

Neste artigo, mostrei como estratégias de intensificação relatadas previamente na literatura (Napoli 1992, Marcelino 2000, Lobato 2004, Knöpfle 2014, 2017) funcionam nas línguas românicas para melhorar a interpretação de um subconjunto de predicados secundários resultativos do tipo AP. Mostrei que esse subconjunto coincide com as chamadas resultativas do tipo *path* (Ramchand 2008). A partir das observações originais de Napoli (1992), argumentei que tais estratégias fazem referência ao valor mais alto da escala subjacente ao adjetivo, seguindo a teoria dos predicados graduáveis de Kennedy & McNally (2005).

Mostrei também que essas estratégias são usadas para eliminar a interpretação atributiva (e, simultaneamente, induzir uma interpretação resultativa do predicado modificado), partindo de estudos prévios no português brasileiro (Marcelino 2000, Lobato 2004, Knöpfle 2014, 2017). Ao tornar explícita a estrutura escalar dos adjetivos, indicando um ponto próximo ao seu valor máximo, a modificação de grau favorece a leitura de que uma entidade passou por uma mudança de estado como resultado de sua participação em um evento. É precisamente essa estratégia que induz uma interpretação resultativa. Essa ideia foi explicitada neste artigo com a implementação apresentada em (5) e (21) acima, baseada no modelo de decomposição do evento de Ramchand (2008).

Para finalizar, este artigo contribui para entendermos as severas restrições impostas a predicados secundários resultativos (AP) nas línguas românicas e as estratégias de que dispomos para contorná-las.

REFERÊNCIAS

ACEDO-MATELLÁN, V. *The morphosyntax of transitions*. A case study in Latin and other languages. Oxford University Press, 2016.

BARBOSA, J. W. C. *A estrutura sintática das chamadas 'construções resultativas em PB'*. Dissertação de mestrado não publicada, Universidade de São Paulo, 2008.

BARBOSA, J. W. C.. 'Ter estado resultante não é ter construção resultativa: predicados secundários pseudoresultativos e orações adjuntas de resultado no português brasileiro'. *D.E.L.T.A.* 34(2): 547-576, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0102-44508038365019402>

BERTUCCI, R. 'Construções resultativas infinitivas em português brasileiro'. *Alfa* 59 (3): 623-644, 2014. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/1981-5794-1409-5>.

CARRIER, J.; RANDALL, J. H. (1992), CARRIER, Jill; RANDALL, Janet H. 1992. The argument structure and syntactic structure of resultatives. *Linguistic Inquiry* 23(2): 173-234.

FOLLI, R. & RAMCHAND, G. 'Prepositions and results in Italian and English: An analysis from event decomposition', in: Henk Verkuyl, Henriette de Swart and Angeliek Van Hout (Eds.). *Perspectives on Aspect*. Netherlands: Springer, 81-105, 2005.

FOLTRAN, M. J. G. D. *As construções de predicação secundária no português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. Tese de doutorado não publicada, Universidade de São Paulo, 1999.

GIANNAKIDOU, A. & MERCHANT, J. "Why Giannis can't scrub his plate clean": On the absence of resultative secondary predication in Greek', in: *3rd International Conference on Greek Linguistics*, University of Athens, Athens, on 1999, 122-134, 1999.

HALLIDAY, M. 'Notes on transitivity and theme in English Part I', in: M. Halliday; J. Webster (Eds.). London: Bloomsbury Academic, 2005, 5-54, 1967.

HOEKSTRA, T. 'Small clause results'. *Lingua*. 74(2-3): 101-39, 1988. DOI: [https://doi.org/10.1016/0024-3841\(88\)90056-3](https://doi.org/10.1016/0024-3841(88)90056-3)

KENNEDY, C. & McNALLY, L. 'Scale structure, degree modification and the semantics of gradable predicates'. *Language* 81(2): 345-381, 2005.

KENNEDY, C. & McNALLY, L. 'Color, context, and compositionality'. *Synthese* 174: 79-98, 2010. <https://doi.org/10.1007/s11229-009-9685-7>.

KNÖPFLE, A. 'Predicação secundária, modificação e ambiguidade: uma reflexão de base empírica'. *Revista do GELNE*, 19 (2): 101-113, 2017.

KNÖPFLE, A. 'Uma proposta de descrição estrutural para resultativas'. *Cadernos de Estudos Linguísticos*. 60(1): 90-126, 2018. DOI: <https://doi.org/10.20396/cel.v60i1.8649679>

KNÖPFLE, A. *Resultativas em línguas ocidentais germânicas: generalizações descritivas, descobertas empíricas e questões analíticas*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Federal do Paraná, 2014.

KRATZER, A. 'Building resultatives', in: C. Maienborn; A. Wöllstein-Leisen (Eds.). *Event arguments in syntax, semantics, and discourse*. Tübingen: Niemeyer, 177-212, 2005.

LEVIN, B.; RAPPAPORT Hovav, M. 'Two types of derived accomplishments', in *Proceedings of the First LFG Workshop*, p. 1-14. Grenoble, France on August 1996.

LEVINSON, L. 'Arguments for pseudo-resultative predicates'. *Natural Language & Linguistic Theory* 28: 135-182, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1007/s11049-010-9089-x>

LOBATO, L. 'Afinal, existe a construção resultativa em português?', in L. Negri, M. J. Foltran, R. Pires de Oliveira (Eds.). *Sentido e significação em torno da obra de Rodolfo Ilari*. São Paulo: Contexto, p. 142-180, 2004.

MARCELINO, M. *Construções Resultativas em Português e em Inglês: Uma Nova Análise*. Dissertação de mestrado não publicada, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, 2000.

MARCELINO, M. *O parâmetro de composição e a aquisição/aprendizagem de L2*. Tese de doutorado não publicada, Universidade Estadual de Campinas, UNICAMP, 2007.

MARCELINO, M. Resultativas em português brasileiro. *Veredas on-line*. 18 (1): p. 121-137, 2014.

MOREIRA, B. 'The unproductivity of resultative constructions in Brazilian Portuguese' (Manuscrito em revisão), 2021.

MATEU, J. Why can't we wipe the slate clean? A lexical-syntactic approach to resultative constructions, in *Catalan Working Papers in Linguistics* 8, p. 71-95, 2000.

NAPOLI, D. J. 'Resultative Predicates in Italian'. *Journal of Linguistics* 28(1): 53-90. 1992.

NEELEMAN, Ad.; VAN DE KOOT, H. Bare resultatives. *The Journal of Comparative Germanic Linguistics* 6, p. 1-52. 2002.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing arguments*. Cambridge: The MIT Press, 2008.

RAMCHAND, G. C. *Verb meaning and the lexicon: a first phase syntax*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

RECH, N. A formação de construções resultativas no português brasileiro. *Cad. Est. Ling.* 49(1): p. 79-100, 2007.

SIMPSON, J. 'Resultatives', in L. Levin; M. Rappaport; A. Zaenen (Eds.). *Papers in Lexical-Functional Grammar*. Bloomington: Indiana University Linguistics Club, p. 143-157, 1983.

TALMY, L. 'Lexicalization patterns: semantic structure in lexical forms', in T. Shopen (Ed.). *Language Typology and Syntactic Descriptions: Grammatical Categories and the Lexicon*. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

TALMY, L. 'Path to Realization: A Typology of Event Conflation.' *Proceedings of the Seventeenth Annual Meeting of the Berkeley Linguistics Society* 17, p. 480-519, 1991.

WASHIO, R. 'Compositionality and Language Variation'. *Journal of East Asian Linguistics* 6(1): 1-49, 1997.

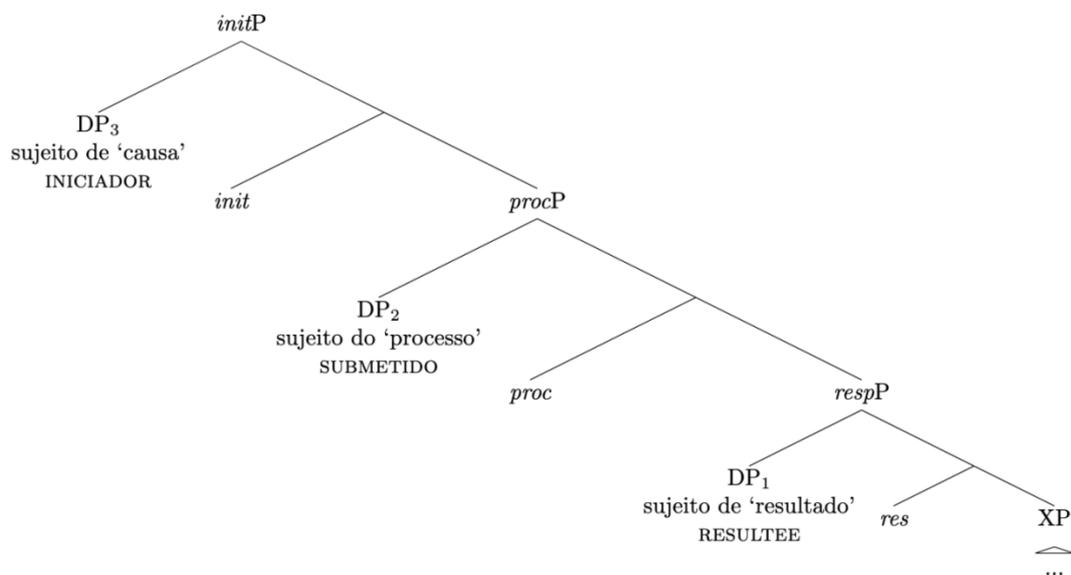
WECHSLER, S. 'An analysis of English resultatives under the event-argument homomorphism model of telicity'. *Proceedings of the 3rd Workshop on Text Structure*, University of Texas, Austin, 2001.

WECHSLER, S. 'Word meaning and syntax. Approaches to the interface'. Oxford: Oxford University Press, 2015.

APÊNCICE

O modelo sintático proposto por Ramchand (2008: 39) para dar conta da estrutura do evento é composto por três projeções, como representado a seguir em (A).

(A) Sintaxe de primeira fase



A projeção de iniciação (*init*), análoga a Voz, representa o subcomponente causador do evento e introduz o argumento externo (ou o *initiator*, iniciador). A projeção de processo (*proc*) representa a dinamicidade do evento e introduz o participante que é submetido ao evento (*undergoer*). Por fim, na porção inferior, a projeção do resultado (*res*) introduz o participante resultado do evento (*resultee*).

Nesse modelo, a noção de V é (no máximo) dividida nessas três projeções, e os participantes do evento podem assumir papéis compostos. Um verbo que identifica todas as três projeções acima é, por exemplo, ‘desarmar’: [*init*, *proc*, *res*]. Esse verbo conta com os seguintes participantes: INICIADOR, SUBMETIDO_i e RESULTEE_i. Note que os papéis do submetido e do *resultee* estão coindexados, indicando que se trata de um papel complexo. Uma expressão como “desarmar a bomba”, portanto, teria um INICIADOR, e “a bomba” receberia um papel (complexo) composto: SUBMETIDO_i e RESULTEE_i, garantido pela coindexação desses núcleos. Diferentes classes de verbo identificam diferentes núcleos (verbos estativos, por exemplo, identificam apenas o núcleo de iniciação, *init*)—vide Ramchand (2008) para mais detalhes do modelo.